

## ARTE, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO NA CULTURA HIP HOP

**Rociclei da SILVA**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação  
Convênio IBICT-UFRJ  
rociclei@gmail.com

**Sarita ALBAGLI**

Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
sarita@ibict.br

### **Resumo**

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar o Movimento Hip Hop como articulador/mobilizador de dinâmicas informacionais em favor da construção da cidadania de quem dele participa. O estudo teve como questão central: quais as estratégias e práticas informacionais, comunicacionais e linguísticas utilizadas pelo movimento para atrair, mobilizar e conscientizar os jovens, bem como para dar voz a eles? O estudo analisa o Movimento/Cultura Hip Hop como um fenômeno socio-político-cultural de resistência contemporânea, que se caracteriza pela criatividade e a inovação. Nesta perspectiva, a informação foi abordada como conhecimento para ação conforme conceituação de Wersig. Os resultados da pesquisa apontam a arte e a linguagem como principais elementos das estratégias informacionais e comunicacionais, para dar voz aos jovens.

**Palavras-chave:** Informação. Arte. Conhecimento. Hip Hop.

## ART, INFORMATION, AND KNOWLEDGE IN THE HIP HOP CULTURE

### **Abstract**

This research project aimed to investigate the Hip Hop Movement's role in articulating and mobilizing informational dynamics in favour of its participants' citizenship. The study's central issue is: Which are the information, communication and linguistic strategies and practices adopted by the Hip Hop Movement in order to attract young people, to raise their consciousness, and to make their voice heard. Research has approached the Hip Hop Culture/Movement as a social, political, and cultural phenomenon expressing contemporary resistance, and characterized by creativity and innovation. According to Wersig's conceptualization, information is seen as knowledge for action. Research results showed art and language as the central informational and communicational strategies to make young people's voice heard.

**Keywords:** Information. Art. Knowledge. Hip Hop.

## 1 INTRODUÇÃO

No início da década de 1980 aportava em solo brasileiro o movimento hip hop vindo direto dos guetos americanos para as periferias/favelas das grandes cidades do Brasil. Adotado majoritariamente por jovens negros e pobres, assumiu rapidamente a condição de movimento de contestação. O hip hop passou a ser um dos principais porta-vozes contra as agruras, desigualdade social, preconceito racial, falta de perspectiva, mas acima de tudo se tornou um agente catalisador da luta por justiça, igualdade, direito e reconhecimento, além de promover a integração social desses jovens. Passadas mais de duas décadas, o movimento hip hop no Brasil amadureceu, consolidou-se e assumiu a condição de cultura de contestação, de resistência urbana e de libertação. Para os jovens da periferia, além de espaço de interação social, o movimento é campo para o exercício de prática política, de formação cidadã.

Seus elementos artísticos (música, dança e artes plásticas) funcionam como condutores de informação, mobilizando os jovens e promovendo a construção da consciência crítica, da autonomia e da emancipação. A preocupação do movimento com a informação é explícita tal como atesta o lema “nossa arma é a informação”. O movimento trabalha a arte como potência de criação, experimentação e transformação. A música foi fundamental para seu surgimento, por ser o principal veículo de manifestação das ideias, da causa, e foi o estímulo de sua organização, o agente capaz de mobilizar as pessoas. Em um meio marcado pelas adversidades sociais e financeiras, a arte é um dos elementos que transforma e humaniza. Através da arte o movimento resgata a história, os costumes e eleva a auto-estima.

Foi esse sujeito social contemporâneo criativo, periférico, contraditório, ambíguo e ao mesmo tempo intrigante e instigante que despertou nosso interesse de estudo e nos fez mergulhar em uma reflexão mais profunda, nos levando aos seguintes questionamentos: quais as suas estratégias de resistência? Quais as estratégias informacionais e comunicacionais que o possibilita a atrair, mobilizar e se tornar a voz de milhões jovens da periferia? Em que medida a informação e o conhecimento disseminado pela cultura hip hop contribuem para promover a transformação dos jovens da periferia?

A pesquisa teve como objetivo geral investigar o movimento hip hop como articulador/mobilizador de dinâmicas informacionais em favor da construção da cidadania

de quem dele participa. Mais especificamente tratou-se de: pesquisar e refletir sobre a relação entre linguagem, informação e cultura, a partir do que se observa no movimento hip hop e seus efeitos sociais; investigar as estratégias e práticas informacionais e linguísticas utilizadas pelo movimento para atrair, mobilizar e conscientizar os jovens, bem como para dar voz a eles; investigar se a informação transmitida pela cultura hip hop tem potência de transformação do jovem que dele participa e da sua articulação em favor da transformação social.

O estudo envolveu pesquisa bibliográfica, bem como a realização de entrevistas em três capitais (São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro) com lideranças e integrantes dos coletivos Movimento Enraizados, Setor BF, Grupo de Break Consciente da Rocinha (GBCR), 4 Elementos (4E), Coletivo Luta Armada, Visão da Favela Brasil, além de entrevistas com outros nomes importantes do ambiente hip hop. Foram também entrevistados jovens (integrantes ou não do movimento hip hop) que participam das oficinas organizadas pelo movimento e que frequentam as bibliotecas, eventos e reuniões, entre outras atividades promovidas pelo movimento.

## **2 INFORMAÇÃO: CONHECIMENTO PARA AÇÃO**

A pesquisa está norteada pela conceituação de informação de Wersig (1993), que define *informação como conhecimento para a ação*, ou seja, conhecimento que é transformado em algo que dê sustentação a uma ação específica em uma situação específica, assumindo a condição de elemento mediador da ação consciente dos sujeitos com os demais atores sociais, como indivíduos, grupos, organizações, etc. A concepção de informação de Wersig aponta tanto para a sua centralidade na realidade social contemporânea, quanto para o seu caráter pragmático. Portanto, está relacionada com a resolução de problemas concretos e representa uma via para a construção de conhecimentos sociais.

Wersig dá grande importância ao trabalho social, ou seja, à relação transformadora que o homem estabelece com seu meio. Suas principais indagações recaem sobre as questões de necessidade de informação para solução de problemas ou “situações problema” que, por sua vez, levam às demandas informacionais.

Os processos socioinformacionais adotados pelo movimento hip hop expressam-se em conhecimentos codificados (apostilas e panfletos distribuídos nas oficinas, palestras e reuniões) que, aliados aos conhecimentos tácitos e competência individual dos jovens, potencializam os sujeitos e os conduzem à ação social. O movimento hip hop concede à informação um valor pontual e potencial que respeita a capacidade cognitiva, emocional e linguística dos sujeitos, o que facilita a realização dos atos comunicacionais e informacionais. Nesse sentido, as práticas informacionais do movimento hip hop consistem em um processo de interação social, tendo a informação um papel de mediadora da ação consciente dos atores que fazem parte desse processo, sendo, portanto considerada como uma “ação de informação”.

Como, então, definir uma “ação de informação”?

A idéia principal é que a ação e o comportamento são conceitos intimamente relacionados, mas são usados para finalidades diferentes e distinguidos conseqüentemente mais pelos critérios que o analista lhes aplica do que por sua natureza. Quando nós nos preocupamos com o comportamento, nós nos concentramos no que é observável, enquanto nós falamos sobre ação existe uma ação e intenção do ator em conseguir alguma coisa e essa intenção torna a ação significativa pelo menos para o ator. Ao olhar para a ação nós estamos defronte da questão de compreender o sentido subjacente (WERSIG; WINDEL, 1985, p.18).

Para González de Gómez (2004, p.62), por sua vez, a ação de informação pode ser vista como um 'dispositivo de informação', conceito usado por ela quando se refere a "tudo aquilo que disponibiliza e deixa disponível, como mediação das mediações, um valor de informação". Esta linha de raciocínio *situa a informação como dimensão das práticas e interações do homem, situado no mundo e junto aos outros homens* (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p.5). Neste contexto, os processos informacionais do movimento hip hop resultam em ampliação da cidadania e na replicação de novas ações de informação capazes de atrair e mobilizar outros jovens.

É sempre oportuno ressaltar que a informação por si só não produz conhecimento ou ação. Informação e conhecimento não são sinônimos: informação, ao mesmo tempo em que constitui uma expressão, uma forma de comunicação do conhecimento, é também um de seus requisitos. A informação assume o papel de "agente mediador na produção do conhecimento" (BARRETO, 1994, p.3).

Mas o que queremos aqui é ressaltar o poder de transformação da informação, evidenciando menos seu valor na redução de incerteza, mas principalmente como

propulsora de ação cidadã e de atos criativos que conduzam o indivíduo a extrapolar as bordas, a resistir pela produção e criação que nasceram a partir do conhecimento posto em ação. A informação é potência, ou seja, contém a possibilidade de vir a ser algo. Quando citamos a “possibilidade” é que, para vir a se tornar algo, a informação depende de mecanismos de ordem cognitiva, pedagógica e subjetiva. Portanto, é algo a ser desenvolvido. A transferência da informação está dentro do processo comunicacional, sua realização está diretamente ligada à linguagem utilizada, que depende do contexto social, do tipo de aprendizagem e competência intelectual do indivíduo que dela se apropria.

Outro fator a ser destacado é o valor agregado à informação nas estratégias informacionais utilizadas pelo movimento hip hop, as quais, ao mesmo tempo, expressam e visam mudanças comportamentais nos jovens das periferias e favela, contribuindo para levá-los a intervir em seus meio sociais. Para González de Gómez (1999), o valor da informação é fruto de uma seleção individual e social, que pode incluir fatores de caráter emocional, cultural, prático e gnoseológico. Quando se confere um valor a uma informação, potencializa-se a sua transferência. Ainda no campo do valor da informação, a autora chama atenção para o fato de que “Toda ação informacional que intervenha num domínio potencial de informações mais ou menos estabilizado terá como consequência de sua intervenção a agregação e desagregação de valores de informação.” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ,1999, p.7-31). Ela também destaca a importância do "interesse" pela informação como o princípio de vinculação e de diferenciação informacional. Neste sentido, a informação tem que ser desejada e ao mesmo tempo possuir valor e significado para o receptor, de modo a despertar interesse no mesmo. Quanto mais o receptor se identifica com a informação, mais ele se aproxima, assimila e apropria da informação. Portanto, as estratégias informacionais são fundamentais na colaboração da construção deste "interesse".

Sendo a informação conhecimento para ação, podemos então defini-la como veículo de potência, resistência e transformação, elemento propulsor da consciência do indivíduo. Contudo, a informação por si só não é capaz de alterar a estrutura cognitiva do indivíduo. Lembrando Latour (1987), a informação serve fundamentalmente à circulação ou transporte de conhecimentos, mas não necessariamente gera conhecimento. Neste sentido, tão importante quanto a capacidade de produzir conhecimento é a capacidade de processar, recriar e principalmente, converter esse conhecimento em ação. A transformação do conhecimento em ação se dá por meio de processos de aprendizado” (ALBAGLI; MACIEL,

2004). Portanto, tão importante quanto produzir conhecimento é o processo de aprendizagem que vai materializar o conhecimento através da ação, e aí se inserem os processos informacionais que estimulam a criação, percepção, sensibilidade e relação social. Conforme afirmam Hardt e Negri (2009, p.17), não basta ousar saber, é preciso saber como ousar, e saber como ousar é agir com base no conhecimento que se adquiriu, é a audácia e a coragem de pensar, falar e agir autonomamente. O ato de conhecer tem o poder de transformar.

### **3 LÍNGUA, LINGUAGENS E VOZES DO HIP HOP**

A partir da conceituação de informação definida por Wersig (1993), decidimos abordar a informação como ação, ação de comunicação, ação de uso de linguagem. Com base nas afirmações de Wersig, entendemos que a construção do conhecimento se dá em meio às interações comunicacionais e pela mediação da linguagem. Neste contexto, inserimos no debate a questão da relação entre a informação e a linguagem partindo do princípio que a informação é elemento constitutivo da linguagem e vice-versa e que a relação entre elas se dá pela interação social. A linguagem é a ponte lançada entre os interlocutores que possibilita a comunicação e a interação social, ponte essa por onde circula a informação que expressa e se transforma em conhecimento e ação social. Pela interação o indivíduo torna-se capaz de produzir novos significados e valores.

Bakhtin concebe a linguagem como um fenômeno social e histórico, uma criação coletiva. Nesse sentido, é pertinente a afirmação de Bakhtin (1992, p.41) de que “As palavras servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Para Bakhtin a unidade da comunicação é o enunciado que é produto do ato da fala, ou seja, produzido em contextos sociais reais e concretos. Assim a enunciação é de natureza social e sua formação acontece por meio de interação. Para Bakhtin, a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. Sendo o enunciado um resultado da interação entre indivíduos, então qualquer enunciação propõe uma reação. E o diálogo, por sua vez, constitui uma das formas mais importantes da interação verbal. Na concepção bakhtiniana, “diálogo” é toda e qualquer comunicação verbal, independente de seu tipo. Segundo estudiosos do pensamento desse autor:

O diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de conversação entre duas pessoas. [...] O diálogo é concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas, mas não são exauridas em semelhante intercâmbio (CLARK; HOLQUIST, 1998, p.36).

Bakhtin acredita ser o diálogo uma interação entre indivíduos que se influenciam mutuamente através da linguagem. Para ele, o “ser” se constitui no “conviver”, “ser significa ser para o outro e, através dele, para si. Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim.” (BAKHTIN, 1997, p.243). Para Bakhtin, é na relação com o outro que o indivíduo se constitui enquanto ser histórico e social. Bakhtin vê a linguagem como algo sempre em construção, “a linguagem nunca está completa, ela é uma tarefa, um projeto sempre caminhando e sempre inacabado” (JOBIM E SOUZA et al., 2003, p.100).

Na concepção bakhtiniana, o valor histórico da linguagem leva à aquisição de conhecimento que faz do indivíduo um ser social. Os signos, criados nas interações sociais, dão forma à consciência humana individual. Para Bakhtin a consciência é de origem social e tem a linguagem como material de expressão. E a palavra, por acompanhar e apoiar todos os outros signos, constitui-se como o signo privilegiado pela consciência e pela comunicação entre os indivíduos na vida cotidiana. Com relação à palavra, Bakhtin (1992, p.22) afirma: “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”. E, no tocante à consciência, Bakhtin (1992, p.115) ressalta: “quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior.”

Na concepção de Bakhtin, as relações sociais estabelecem-se a partir do diálogo. Para o autor, o dialogismo é fundador da própria linguagem, pois sem diálogo a linguagem torna-se algo estanque. Bakhtin nos diz que o diálogo é a matriz da qual provirão outras concepções como a polifonia, as vozes em tensão; a carnavalização, processo parodístico, entre outras. Portanto, o estudo do dialogismo é indispensável para compreensão da linguagem bakhtiniana.

### 3.1 DIALOGISMO

Bakhtin denominou dialogismo a capacidade de um indivíduo ou de um texto dar vez a várias vozes sociais e históricas que circulam num tempo e espaço real, “numa dada formação social, dividida em classes, subclasses, grupos de interesses divergentes, pontos de vistas múltiplos sobre uma dada realidade, que permite ver as relações polêmicas entre elas” (FIORIN,1997, p.231). Bakhtin concebe o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem.

Robert Stam (1992), ao analisar o *rap* a partir da visão bakhtiniana de dialogismo, assevera:

O Rap, forma de música popular que utiliza efeitos pirotécnicos executados em toca-discos combinados com um discurso verbal agressivo e ritmado – a própria palavra Rap significa conversar, dialogar, pode ser considerado uma esperta versão “de rua” das teorias Bakhtinianas sobre o dialogismo. (...) O Rap é intensamente, exuberantemente dialógico. Assim como o Gospel e outras formas de música negra, o Rap se baseia nos esquemas musicais africanos de chamada e resposta, numa espécie de interanimação entre executante e ouvinte que lembra claramente a teoria Bakhtiniana da linguagem, centrada na performance e na interação (STAM, 1992, p. 75).

A relevância do dialogismo reside no fato que ele se dá por interação e ação entre sujeitos, algo que vai além da simples transmissão de informações, e sim algo criador e produtivo como afirmam Clark e Holquist (1998, p. 237):

O discurso é uma ação. Trata-se de uma atividade mais complicada do que a ação das máquinas, as quais, em virtude de suas limitações mecânicas, precisam transmitir e receber em forma seqüencial. Quando as pessoas utilizam a linguagem, não atuam como se fossem máquinas que enviam e transmitem códigos, mas como consciências empenhadas em um entendimento simultâneo: o falante ouve e o ouvinte fala. Qualquer elocução é um elo em uma complexa cadeia de comunicação.

O dialogismo “tem na polifonia sua forma suprema” (BEZERRA, 2005, p.193); o indivíduo se liberta ao se tornar dono de sua voz: “o autor não fala sobre, mas com a personagem” (BAKHTIN, 2002, p.71). A afirmação de Bakhtin nos leva à reflexão sobre o conceito de polifonia.

### 3.2 POLIFONIA

Em seu estudo sobre a obra de Dostoievski, Bakhtin se surpreende com o tipo de tratamento que o autor dá às suas personagens, em que há uma relativa liberdade e independência das personagens em relação ao autor. Bakhtin chama atenção para a

existência de várias vozes em seus romances. Este elemento vai ser fundamental para caracterizar o texto polifônico e diferenciá-lo do monofônico e principalmente para criação do conceito de polifonia por parte de Bakhtin. Bakhtin (1981) deu a Dostoiévski o título de “criador do romance polifônico”.

A polifonia se caracteriza pela posição que o autor exerce na função de regente de um grande coro de vozes que participam do processo dialógico. No entanto, tem total autonomia para se manifestar. A polifonia é o espaço de convívio de muitas vozes e consciências independentes. Essas vozes não são objetos do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. Com isso, a polifonia implica na afirmação do “eu” do outro, não como objeto, mas como sujeito. Na teoria polifônica de Bakhtin, várias vozes também falam simultaneamente, mas sem que se possa objetivamente determinar qual prepondera em relação às outras. Segundo Faraco (2009, p.78) “Polifonia não é um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes.”.

Outra grande característica da polifonia bakhtiniana é a não exclusão de vozes. Bakhtin considera as inúmeras vozes presentes em cada discurso, e que podem ser heterogêneas e contraditórias. Ou seja, nenhuma voz é filtrada, alterada ou enquadrada pelo autor, o que as torna sujeito. Enquanto o monologismo se caracteriza pelo autoritarismo, a polifonia se caracteriza pela ausência de autoritarismo.

Bakhtin nos mostra que cada língua, cada indivíduo, é constituído por variantes conflitantes, sejam elas sociais, geográficas, temporais, culturais, profissionais e etc. Tal como um indivíduo, a comunidade também se constitui em arena de conflito de discursos concorrentes – foi isto que Bakhtin chamou de polifonia e que vislumbramos e fomos buscar na cultura hip hop. O hip hop se caracteriza por sua diversidade de vozes e linguagens que se chocam, constituindo uma verdadeira arena de conflitos, sendo que nenhuma se sobrepõe à outra. Temos a constituição do ser pela linguagem que promove troca de informação, conhecimento e afeto que atuam no agir positivo, fazendo explodir novas formas de vida e novas subjetividades.

### 3.3 LINGUAGEM E CULTURA

As transformações de toda ordem ocorridas desde o início do século XX têm exigido novas definições do conceito de cultura. Nesse contexto, o conceito de cultura desenvolvido pelo teórico britânico Raymond Williams responde bem ao escopo deste trabalho. Conforme

Lima (2004), Williams, ao redefinir cultura, retira do conceito a visão de experiência privilegiada e transcendente e elabora sua teoria a partir do conceito de “cultura ordinária”. Na concepção de Williams, a cultura é produto da experiência ordinária e já está dada no nosso modo de vida. Sendo assim, ela é de todos.

Para chegar a essa conceituação, Williams recuperou os estudos de Mikhail Bakhtin e sua concepção de linguagem como uma atividade social prática, dependente de uma relação social. A visão bakhtiniana de que linguagem é uma atividade material, um meio de produção prática, foi determinante na definição de cultura de Williams, fazendo-o superar a visão marxista mais ortodoxa de cultura como superestrutura determinada pela infraestrutura. Com isso, Williams amplia a sua noção marxista de determinação, situando a cultura na totalidade do processo social. A partir daí, ainda de acordo com Lima (2004), Williams passa conceber a cultura como uma força produtiva, essencial na produção “do indivíduo e da sociedade”.

Williams assume então a cultura como um processo constitutivo que, quando internalizada, se torna vontade individual. Para Williams, a cultura está no campo da ação, da vivência, da experiência, algo que se forma por meio das relações e práticas sociais, mesma forma de constituição da linguagem e da informação. Nessa perspectiva, a cultura ganha caráter imanente e constituinte, ou seja, algo em constituição permanente, algo nunca fixo ou acabado. A cultura se constrói e reconstrói por meio das relações e práticas sociais. Estudiosa do pensamento de Williams, Cevalco (2003, p.110-112) assinala que, no pensamento do autor, cultura é modo de vida: “é constitutiva de um processo social, é um modo de produção de significados e valores mais básicos para o funcionamento da sociedade do que a noção de uma esfera separada. São esses significados e valores que organizam a vida comum”. Williams entende cultura como o conjunto de práticas empreendidas por uma sociedade que, pela produção e intercâmbio de sentidos, conforma “todo um modo de vida” (WILLIAMS, 1958). Partindo do princípio de que a cultura é resultado da experiência ordinária, caracterizada pela experiência pessoal e social, Williams vai conceber a cultura como do domínio do comum e afirmar que ela é de todos. Ao conceber a cultura como forma de vida, prática social, Williams amplia o horizonte de interpretação do termo que passa a abarcar toda e qualquer “prática significativa”. Para o autor: “A teoria da cultura pode ser definida como o estudo das relações entre os elementos que formam um todo, o modo de vida de uma sociedade. A análise da cultura é a tentativa

de descobrir a natureza dessa organização que é o complexo dessas relações” (WILLIAMS, 1961, p. 46).

Com base na conceituação de Williams, assumimos a cultura como uma forma de resistência e produção que se constitui pela linguagem, comunicação e informação, mas que também as constitui. A cultura é assim um modo de vida que produz outros modos de vida, que produz subjetividade, outros significados, valores, ou seja, a cultura é uma força produtiva que expressa criação e luta, sendo todo esse processo de produção resultado da relação e interação social.

O movimento hip hop se insere nessa concepção de cultura de Raymond Williams, como uma forma de vida que se constrói pelas relações e práticas sociais. Cultura hip hop em torno da qual se criaram a cultura dos DJs, a cultura do grafite, a cultura do basquete de rua, entre tantas outras. É um modo de vida que gera outros modos de vidas, que gera linguagens, dialetos, indumentárias, valores, normas de conduta, alterando a paisagem da periferia/favela onde atua. É essa cultura que avaliamos, a cultura como campo de luta, da transformação, da produção, da resistência e do conhecimento. Com linguagem verbal própria carregada de gíria e neologismo, com sua linguagem gestual rica em símbolos e trejeitos, a cultura hip hop é a cultura *das e para as ruas*, é um modo de vida que mobiliza, une e acolhe milhões de jovens ávidos por romper o silêncio imposto pelo medo e a angústia.

### 3.4 ARTE – A LINGUAGEM DAS SENSAÇÕES

Desde seu nascimento, a cultura hip hop trouxe em seu seio a linguagem da arte, como elemento de expressão e comunicação capaz de despertar nos jovens a reflexão sobre seu cotidiano. A palavra *rap* é formada da junção das iniciais de *rhythm and poetry*, ou seja, ela traz na sua composição dois elementos artísticos que são o ritmo e a poesia. Compreender o lugar da arte na vida social e na geração e reprodução de sentidos – a arte como linguagem, como meio de conhecimento e transformação -- é portanto central no estudo do movimento hip hop.

Refletindo sobre a relação entre arte e conceito, Gilles Deleuze argumenta que o conceito não se refere ao vivido, mas consiste em estabelecer um acontecimento que sobrevoe qualquer vivido, não menos do que qualquer estado de coisas, e não à essência ou à coisa em si. A arte, por sua vez, abriga os afetos, enquanto que o artista inventa, revela e

cria afetos através da linguagem das sensações. Para Deleuze (1991, p.165), a arte permite ao artista ir além do “estar no mundo”, para “ser com o mundo”. A arte não é conceito porque é acontecimento. Para Deleuze o acontecimento atualiza-se no estado de coisas, num corpo ou numa vivência. É real sem ser atual, ideal sem ser abstrato. O acontecimento conserva-se pela arte e através dela torna-se sensação. Nesse sentido Deleuze e Guattari afirmam: “A arte é a linguagem das sensações seja ela feita de palavras (literatura), cores (pintura), sons (música) ou pedras (escultura).” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 166).

Para atrair, sensibilizar e mobilizar os jovens, o movimento hip hop utiliza a arte com a sua potência afetiva, afetos que “transbordam a força daqueles que são atravessados por eles” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.13). Vislumbramos a arte com a linguagem das sensações, linguagem essa capaz de ir além das percepções e afeições, transformando corpos, mentes e realidade pela sensibilidade, facilitando o acesso ao inconsciente. É na força dos afetos que se buscam as transformações de crianças e jovens nas periferias e favelas.

#### **4 UMA RESISTÊNCIA CONTEMPORÂNEA CHAMADA HIP HOP**

O movimento hip hop no Brasil é híbrido. Em sua releitura do movimento iniciado nos Estados Unidos, incorporou traços da cultura local. Temos no *rap* brasileiro a influência do samba e de outros estilos musicais, como o maracatu, bem como do repente no *rap* do nordeste. No *break*, temos a influência da ginga e dos movimentos da capoeira. No grafite, além das cores muito vivas, há influências regionais como desenhos retratando a caatinga e o sertão do nordeste, e os orixás da Bahia.

Outro elemento presente na cultura hip hop no Brasil é a literatura. É comum nas oficinas culturais vermos a presença das oficinas de leitura. O objetivo é estimular a leitura, mas também mostrar a importância do conhecimento na formação do indivíduo. A literatura surge como fortalecedor do quinto elemento que é o conhecimento.

##### **4.1 AQUISIÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO MOVIMENTO HIP HOP**

Diferentemente do hip hop americano, o hip hop brasileiro não se limitou aos quatro elementos da cultura; incorporou o cinema, o teatro, o basquete, o skate, a

capoeira, o circo (no caso do *break*) e a literatura, que a cada dia ganha mais força dentro do movimento. Mas o hip hop no Brasil percebeu a necessidade de um investimento maior no quinto elemento: o conhecimento, a sabedoria e a compreensão.

Pudemos constatar, em todas as entrevistas sem exceção, que a busca por conhecimento é fundamental para seus integrantes. Para a pesquisadora Maria do Socorro Brito Araujo (2009), o conhecimento aqui se bifurca em dois tipos diferentes de produção. Um deles está vinculado ao estudo da teoria e da história do hip hop, da construção do saber sobre cada um dos quatro elementos, sobre o que vem sendo criado dentro do hip hop e seus processos de mudanças. Na outra direção, há a poesia e a literatura. Heloisa Buarque de Holanda (s/d) atribui o investimento do hip hop no conhecimento à necessidade política de valorização da história local e das raízes culturais do hip hop. Ressalta que podemos observar nas comunidades hip hop brasileiras um investimento bastante significativo nas formas de aquisição e produção de conhecimento, de maneiras cada vez mais amplas e diversificadas. Essa busca por conhecimento se reflete no número crescente de integrantes do movimento nas instituições de ensino médio e superior.

O estudo da rica história do movimento hip hop é um estímulo para a busca por conhecimento, a pesquisa e a leitura. Isso constitui um trunfo e uma estratégia informacional para o movimento que faz da sua história um ponto de partida e um condutor de informação para trabalhar o intelecto de seus integrantes, por meio de suas oficinas, palestras, shows e *workshops*.

O estímulo à leitura e às pesquisas se faz presente em todas as organizações através de suas bibliotecas e laboratórios de informática. Vale ressaltar que, apesar de disponibilizarem a internet para pesquisa, o movimento não abre mão da leitura de livros. Como forma de motivação, promove dinâmicas de leitura com debates onde todos participam opinando ou questionando. Um fato importante por nós detectado foi a presença de bibliotecas em todas as organizações (Cufa, Emraizados, 4E) e na sede dos coletivos (Visão da Favela Brasil e Setor BF) que visitamos.

Em síntese, os participantes do movimento perceberam que, antes de mudar o mundo, necessitam mudar a si mesmos e a base dessa mudança seria o conhecimento, como elemento de fortalecimento das bases culturais e ao mesmo tempo o diferencial para o questionamento e a reflexão.

## 4.2 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS INFORMACIONAIS

A abordagem deste estudo sobre as estratégias e práticas informacionais desenvolvidas pelo movimento hip hop seguem duas vertentes: as estratégias que visam levar informação aos que estão fora do movimento; e as que visam os integrantes do movimento e participantes das oficinas. Portanto, temos, de um lado, a transferência da informação para promover o exercício da cidadania e, do outro, a transferência de informação voltada para militância e ativismo. Com isso podemos perceber que as estratégias e práticas não se limitam ao âmbito do movimento; ela visa à periferia como um todo, conforme declara o rapper e ativista Dudu de Morro Agudo<sup>1</sup>: “O objetivo é atingir o máximo de pessoas possível, queremos a mudança da nossa comunidade. Temos a consciência de que muitos não nos ouvirão, porém os que absorvem nosso recado levam adiante a informação passada se tornando um multiplicador da mensagem”.

Entre as práticas desenvolvidas, a mais comum é a realização de oficinas e *workshops*, conhecidas no movimento como “intervenção”, o que ocorre de forma sistemática e periódica nas escolas públicas das comunidades onde atuam os coletivos ou instituições. Os elementos artísticos são os dispositivos utilizados para atrair e sensibilizar crianças e jovens. Os vídeos, panfletos e atividades culturais são veículos condutores de informação. Além de transmitirem informação sobre o movimento e seus elementos, as palestras promovem debates sobre questões sociais como: violência, drogas, alcoolismo, prostituição, sexo, racismo, preconceitos, entre outros temas que fazem parte da realidade das comunidades e com isso possibilitam a formação de consciência crítica, resgate e elevação da auto-estima. Cabe ressaltar que os palestrantes são oriundos de periferias/favelas, muitos com amargas experiências de vida. Portanto, conhecedores das carências e necessidades informacionais das crianças e jovens participantes. Para Wersig (1970), isso se torna um elemento facilitador da comunicação e o processo de transferência de informação se dá de maneira mais simples. A realização de eventos artísticos e culturais em praças e ruas também é utilizada pelo movimento, não só para levar informação à população local, como também para promover lazer, diversão e cultura.

Conforme dito anteriormente, as práticas informacionais dentro do movimento objetivam a formação do integrante para militância, ativismo, além de formação profissional

---

1 Entrevista realizada em setembro de 2010.

e cidadã. A transferência de informação se dá através do estudo da história do movimento e seus quatro elementos, do estudo e análise de temas sociais, históricos, políticos e do cotidiano. Entre os meios utilizados estão as oficinas de leitura, rima, poesia, leitura de livros, jornais e revistas, workshops, debates, palestras, fóruns e seminários. As atividades desenvolvidas pelos coletivos e instituições não são exclusivas dos integrantes, elas são abertas também a toda comunidade local. A troca de informação entre seus integrantes é algo muito valorizado pelo movimento, pois acredita-se que as experiências pessoais e o conhecimento tácito são fundamentais na transformação do indivíduo. Todos são estimulados a falar, não havendo assim uma voz soberana e sim um cruzamento de vozes, troca de pontos de vista, troca de conhecimento.

A internet se tornou um grande aliado do movimento na produção, reprodução e circulação de informação, sendo hoje um dos principais dispositivos facilitadores na transferência de informação e cultura. Ao longo da pesquisa, encontramos centenas de sites, fóruns, blogs e fotologs a serviço da cultura hip hop. Dentro da internet há uma quantidade considerável de rádios web e TVs web que fazem a informação circular.

Os bons resultados alcançados pelo hip hop junto aos jovens deve-se ao fato da utilização de uma linguagem coloquial, das ruas, inserida no contexto social, facilitando a compreensão, assimilação e apropriação da informação por parte dos adolescentes. Mas isso não quer dizer que a linguagem do movimento seja a linguagem da periferia e, embora dialogue com facilidade com a periferia, a cultura hip hop tem a sua própria linguagem que é uma resistência, uma criação, uma língua menor como diria Deleuze.

Para Gonzalez do Gomez (1999), o valor da informação é fruto de uma seleção individual e social, que pode incluir fatores de caráter emocional e cultural. Para a autora, o “interesse” é o princípio de vinculação e de diferenciação informacional e as estratégias informacionais podem contribuir para a construção desse interesse. As estratégias informacionais utilizadas pelo movimento hip hop atuam a partir do conhecimento da realidade local, da cultura, dos valores, das necessidades afetivas e sociais dos jovens, o que facilita a aproximação e a interação. A utilização de elementos culturais das comunidades valoriza a informação, facilita a interação e desperta os interesses daqueles que participam. A eficiência das estratégias informacionais se reflete no número crescente de adeptos do movimento.

#### 4.3 ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS COMUNICACIONAIS – AS VOZES DO HIP HOP

Com a explosão das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), nos anos de 1990, o hip hop ampliou as fronteiras geográficas e de classe, extrapolando os limites de sua origem. As novas tecnologias não assustaram a cultura hip hop que, desde os primórdios, foi afinada com a tecnologia, nos sentidos literal e figurado. O hip hop é uma manifestação da era do *sampler* e isso facilitou a sua apropriação e uso estratégico e inteligente das NTICs a seu favor.

Outro canal de comunicação que vem sendo muito bem explorado pelo movimento é o audiovisual. O grande volume de documentários, curtas e clipes produzidos, com qualidade, é produto das oficinas de audiovisual que vêm se tornando obrigatórias nas organizações ligadas ao movimento. Muitas delas já foram contempladas com o selo Cultura Viva do Ministério da Cultura, sendo que um grande número de organizações hip hop se tornaram Pontos de Cultura. A qualidade das produções se reflete no reconhecimento que vêm tendo internacionalmente. Este é o caso do curta metragem “788”, premiado na Holanda, que foi produzido pelo núcleo de cinema Cria Filmes, pertencente à organização Visão da Favela Brasil, que atua no morro Santa Marta. Outro exemplo é o documentário “Mães do hip hop”, premiado na França, Holanda e Moçambique, que foi produzido por Dudu de Morro Agudo, do Movimento Enraizados de Nova Iguaçu.

#### 4.4 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO

Qualquer reflexão sobre os resultados da informação transferida pelo hip hop aos jovens da periferia deve levar em consideração o contexto social e econômico no qual esses jovens estão inseridos. Esse é o desafio que a cultura enfrenta em despertar interesse de jovens submetidos a todo tipo de violência como: miséria, fome, desemprego, prostituição, drogas, alcoolismo, moradias insalubres, agressões domésticas, abandono paternos, falta de atendimento básico de saúde, educação precária, ausência de lazer e cultura, entre outras violências. Mostrar que a mudança desse cenário sombrio no qual o jovem está inserido passa pela mudança de postura e de pensamento é a função da informação para a cultura hip hop. O objetivo é fornecer informação, fazer adquirir conhecimento e, com base nesse conhecimento, conduzir à reflexão, ao questionamento, conhecer e se reconhecer diante do

mundo e levar à ação, o que o movimento denomina de “atitude”. As várias linguagens do hip hop são os meios de expressão, de visibilidade e resgate da auto-estima.

A transformação que a cultura promove na vida e no comportamento dos jovens da periferia é algo reconhecido inclusive pelas mães dos integrantes como no caso da Sra. Lúcia, mãe do rapper Dudu de Morro Agudo, que, ao ser questionada sobre o tema no documentário “Mães do hip hop” diz <sup>2</sup>: “ele era uma pessoa fechada. Hoje é uma pessoa mais instruída, mais alegre e responsável”. No mesmo documentário, a Sra. Giselda, mãe do rapper e ativista do Movimento Enraizados Leo da XIII, constata a mesma transformação e declara: “ele passou a ver a família com mais clareza, ele se soltou e criou amigos, coisa que ele não tinha. Ele se transformou, sorri mais, pois era difícil tirar um sorriso dele. Está mais alegre, mais leve, mais suave”. Lembrando Bakhtin (1993), a alegria e o riso fornecem uma dimensão positiva da vida.

## 5 CONCLUSÃO

Convivendo e se relacionando com o movimento hip hop, foi possível conhecê-lo por dentro, descobrir suas peculiaridades e apresentar algumas respostas para os questionamentos colocados de início neste trabalho, com base no referencial teórico que o fundamenta e no estudo empírico realizado:

- 1) *Estratégias informacionais* – O movimento tem a informação como uma “arma”, e por isso utiliza todo e qualquer veículo disponível para consumo e troca de informação, desde as formas mais simples, como panfletos, até as mais modernas, como a internet e o audiovisual. O hip hop preza a informação e o conhecimento, não sendo à toa que os elegeram como quinto elemento. O movimento percebeu que a mesma arte que envolve e fascina também pode ser um poderoso dispositivo de informação. Na sensação da linguagem artística, transfere informação e sensibiliza as crianças e jovens. Pudemos perceber que as oficinas, a internet e o audiovisual são as mais importantes estratégias informacionais. Ao mesmo tempo, o rap, que é a voz do hip hop, é uma potente estratégia informacional, pois informa e denuncia.
- 2) *Estratégias comunicacionais* – A utilização de uma linguagem simples da rua, do dia-dia, falando de forma direta e clara dos problemas e dilemas que são comuns a todos, é sem dúvida a grande força comunicativa do movimento. Essa linguagem se articula com o audiovisual, teatro, rádios, TVs, literatura e internet e se transforma em comunicação potente e eficaz que inicia o diálogo e possibilita a reflexão.

---

2 Entrevista concedida em setembro do 2010.

3) *Transformação social* – A transformação dos jovens começa pelo simples fato do movimento dar voz aos jovens e às suas angústias e medos, fazendo, ao mesmo tempo, emergir suas potências criativas e resgatando sua auto-estima, a alegria e o sorriso. Temos os afetos positivos aumentando a potência de agir. É o afeto gerado pelos bons encontros conforme disse Spinoza. A informação é a semente para o questionamento de seu mundo e o primeiro passo para a transformação. A transferência de informação respeita a capacidade cognitiva, emocional e linguística dos sujeitos, o que facilita a realização dos atos comunicacionais e informacionais.

Não há dúvida de que o hip hop é uma manifestação e referência cultural para uma grande parcela dos jovens urbanos, sejam eles negros ou brancos, da favela ou do asfalto, homem ou mulher. O hip hop extrapolou a periferia e é praticado por todas as classes e em todos os países. Mais do que isso, é hoje um modo de vida e um divisor de águas na vida desses jovens que se entregam de corpo e alma fazendo dele um dispositivo de luta e resistência, que nele depositam seus sonhos de transformação de mundo e justiça social. O hip hop atua como elo, razão, dispositivo que mobiliza e articula milhões de jovens que têm nele a possibilidade de luta, não no confronto, mas na produção, criação e invenção que abrem as portas para transformação do indivíduo e da comunidade.

A informação e o conhecimento proporcionados pelo hip hop e veiculados a partir dele levam os jovens a questionarem o mundo em que estão inseridos, e a pensar e refletir sobre a necessidade de mudanças. É aí que se inicia o caminho em direção a ações concretas. Como diz Deleuze (1998, p.132) “pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer”. É na reflexão, buscando alternativas para a mudança da realidade que o jovem, mesmo sem perceber, inicia o processo de intervenção social sobre ele mesmo. Mas a transformação vai além, pois, quando se ouve uma música criada e produzida por alguém da sua comunidade, passa-se a compreender que seu modo de vida tem forte significado, resultando no fortalecimento de sua auto-estima e trazendo novas perspectivas de vida. Esse processo se reflete nos grupos com os quais esses jovens se relacionam, como família, amigos e escola. Ai reside a importância da informação no hip hop: o jovem é afetado e também afeta. Assim, ele é disseminador, multiplicador de informação, e também de afetos positivos.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. *Ciência da Informação*, v. 33, n. 3, 2004.

ARAÚJO, Maria do Socorro Brito. *Nas quebradas da voz: o lugar e a mãe na crônica poética do rap*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2009. Disponível em [http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2009/mariadosocorro\\_nasquebradas.pdf](http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2009/mariadosocorro_nasquebradas.pdf). Acesso em 10 nov 2010

BARRETO, A. de A. A Questão da Informação. *São Paulo em Perspectiva*, v. 8, n. 4, 1994, p. 3-8, São Paulo, Fundação Seade.

BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 2.ed. São Paulo, Brasília: Hucitec, Edunb, 1993.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BARBALHO, Alexandre. **Processos de aprendizagem e produção comunicacional**: A experiência da Fundação Casa-Grande, 2009. Disponível em: [www.felafacs.org/lahabana|encuentro2009@felafacs.org](http://www.felafacs.org/lahabana|encuentro2009@felafacs.org). Acesso em 11 jan. 2011

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: Brait, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. **A política do hip hop nas favelas brasileiras**. Artigo publicado no site da pesquisadora. S/D. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-politica-do-hip-hop-nas-favelas-brasileiras/>. Acesso em 10 nov 2010.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para Ler Raymond Williams**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **As Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Bomtempo, 2003.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998

DELEUZE, Gilles. **Qu'est-ce que la philosophie**. Paris: Les Editions de Minuit, 1991.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro, Ed 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Dos estudos sociais da informação aos estudos do social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, Mirian de A.(org.). **O campo de Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora universitária /UFPB, 2002.

\_\_\_\_\_, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, v.5, n.2, p.7-30, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARDT, M.; NEGRI, A. **The Commonwealth**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press. 2009.

JOBIM E SOUZA, Solange; Kramer, Sonia; Freitas, Maria Teresa. **Ciências Humanas e Pesquisa**: leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

LATOUR, Bruno. **Science in action**. Stratford: Open University, 1987.

LIMA, Raquel Sousa. **O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson**: breve apresentação das ideias de materialismo cultural e experiência por Raquel Sousa Lima. Niteroi: Mestrado em História Social da UFF, 2004. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/artigos/edicao8/artigo02.pdf> Acesso em 1 dez 2010.

MIELI, Sílvio. **Uma nova dimensão**: a arte biotecnológica. Artigo publicado no Jornal da Tarde em fevereiro de 2000. Disponível em <http://www.ekac.org/mieli.html>. Acesso: Dez.2010.

STAM, Robert. **Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo:Ática, 1992

WERSIG, Gernot. Communication theory and user analysis; the communication theory frame of reference. FID/CONGRESSO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: FID, 1970.

\_\_\_\_\_. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**, v. 29, n. 2, 1993.

WERSIG, Gernot.; WINDEL, G. Information science needs a theory of informations actions. **Social Science Information Studies**, n.5, p.11-23, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. London, UK: Chatto and Windus, 1961.